



TESTEMUNHOS DE “CRIANÇAS DA SOMÁLIA DEBAIXO DE FOGO”

O relatório da Amnistia Internacional, “Crianças da Somália debaixo de Fogo”, engloba 200 testemunhos de crianças, jovens e adultos somalis, recolhidos pela Amnistia Internacional, em Março de 2009, no Quênia e Djibuti e em Março e Junho de 2010, no Quênia. Os representantes da Amnistia Internacional entrevistaram refugiados que fugiram recentemente da Somália, com o objectivo de recolher o máximo de informação possível sobre a situação que se vive no país.¹ Estas são algumas das suas histórias.

RECRUTAMENTO E USO DE CRIANÇAS EM GRUPOS E FORÇAS ARMADAS

Um jovem, de 15 anos, que fugiu de Mogadíscio, em Janeiro de 2010, disse à Amnistia Internacional que o seu irmão de oito anos foi recrutado à força pela Al-Shabab, e morreu subseqüentemente. O jovem foi ameaçado para integrar o grupo armado:

“Existe um local onde guardam as crianças, onde os militantes da Al-Shabab tentaram fazer-me ir. Costumavam vir aos blocos onde vivíamos e levavam crianças para as forçarem a ficar lá e fazê-las lutar. [...] Os militantes da Al-Shabab disseram que me matavam se eu não fosse com eles. Disseram-me três vezes para ir com eles, mas eu recusei. Eu deixei de ir ao recreio porque tinha receio que me obrigassem a ir com eles. Levaram o meu irmão, que foi recrutado pela Al-Shabab quando tinha oito anos. Levaram-no enquanto ele jogava futebol. Fomos ao local onde sabíamos que os faziam lutar e encontrámos o seu cadáver.”

Uma criança de 10 anos que foi levada para um campo militar da Al-Shabab para ser treinado, disse à Amnistia Internacional:

“Havia muitas crianças no campo de treinos. Eles treinavam-nos e davam-nos uma arma pequena.”

Um rapaz de 15 anos de Kismayo também disse à Amnistia Internacional que os membros da Al-Shabab iam à sua escola para recrutar crianças nas suas classes:

“Estava na escola quando estava na Somália. Uma vez, enquanto ia para a escola, os militantes da Al-Shabab tiraram-me os meus livros. Disseram-me que tinha de ir com eles ou me retiravam os meus livros. Disseram-me que devia abandonar a escola. Eu recusei juntar-me a eles. Eles agrediram-me mas desta vez, deixaram-me sozinho. Por vezes, os militantes da Al-Shabab vêm à minha escola. Agridem os estudantes que chegam atrasados e levam-nos para lutarem. Um dia foram levadas duas crianças da nossa escola para irem lutar com a Al-Shabab.”

¹ Os nomes dos entrevistados, assim como detalhes pessoais, foram mantidos confidenciais em casos onde os seus testemunhos pudessem levar à sua identificação e comprometer a sua segurança

ATAQUES EM ESCOLAS

Um rapaz de 12 anos de Mogadíscio descreveu como duas escolas diferentes que frequentou por um período de três anos, foram bombardeadas:

“A minha escola primária era longe de Bakara, tinha de apanhar o autocarro para chegar lá. A escola fechou depois das lutas começarem, foi bombardeada, os professores morreram dentro da escola. Foi em Fevereiro de 2006. Tenho muitos amigos que morreram ou foram feridos nesse dia, mas eu não estava na escola. Depois disso, fui para uma escola privada em Bakara. Lá, uma bomba também explodiu, seis pessoas morreram e três ficaram feridas, eram todos alunos com idades entre os sete e os 14 anos. Isto aconteceu em Junho ou Julho de 2009.”

Uma rapariga de 17 anos, do distrito de Wardigley, em Mogadíscio, disse-nos:

“Eu parti por causa das lutas. Não conseguia dormir durante a noite. Haviam lutas de dia e de noite. Haviam explosões de bombas perto da minha casa e alguns fogos como resultado dos bombardeamentos. A luta era entre a Al-Shabab e o governo. Eu estava na escola em Mogadíscio. Todos os dias quando ia para a escola aconteciam lutas pesadas. Uma bomba explodiu perto de mim. Havia fumo e fogo muito perto de mim, mas eu consegui fugir. A nossa escola fechou por causa das lutas.”

Uma outra rapariga, de 16 anos, de Mogadíscio, também afirmou que a Al-Shabab impôs restrições nas escolas e que alguns dos seus professores foram mortos pela Al-Shabab:

“Em 2009 foram mortos quatro professores pela Al-Shabab, mas não sei o motivo. Eram todos homens. A Al-Shabab não permitia que os professores tocassem o sino da escola. Rapazes e raparigas não tinham autorização para frequentarem a mesma turma. A Al-Shabab vinha à escola todos os dias, em alturas diferentes. Não forçavam as pessoas a juntarem-se a eles, mas perguntavam.”

OUTROS ALVOS DE ABUSOS DOS DIREITOS HUMANOS CONTRA CRIANÇAS

Uma menina de 13 anos, que saiu de Baidoa no início de 2010, disse à Amnistia Internacional que militantes da Al-Shabab a agrediram violentamente por não usar o hijab em casa:

“Vivia em Baidoa. Os militantes da Al-Shabab agrediam as pessoas. Diziam que tínhamos de usar roupas pesadas. Militantes da Al-Shabab foram a minha casa e agrediram-me violentamente. Cinco homens agrediram-me. Mesmo dentro de casa, disseram-me que tinha de usar o hijab. Eles tinham uma cana chamada kalabash. Fui agredida com a cana duas vezes e também agrediram a minha mãe da mesma forma.”

CRIANÇAS APANHADAS EM ATAQUES INDISCRIMINADOS E ILEGAIS

Um rapaz de 15 anos de Mogadíscio, disse à Amnistia Internacional:

“Eu cheguei [ao Quénia] em Março de 2010. Fugi com a minha família por causa das lutas. A guerra estava a agravar-se. Os meus três irmãos foram mortos. Foi pouco tempo depois de fugirmos. Eles estavam a voltar do mercado de bicicleta e foram apanhados no meio dos tumultos. Foram atingidos por uma “bomba”. Um deles morreu no local e os outros dois morreram mais tarde, quando estávamos a caminho do Quénia. Os seus nomes eram Ahmed, de 10 anos, Abdikadir, de 12 anos, e Yusuf, que tinha oito anos.”

Uma jovem de 18 anos, descreveu a sua luta e do seu irmão de 17 anos pela sobrevivência, depois de perderem os seus pais:

“Fomos para a escola cedo num dia e quando chegamos a casa os nossos pais não estavam lá. Quando chegámos a nossa casa, em Shibis, Mogadíscio, descobrimos que a casa tinha sido bombardeada. Não sabíamos se alguém tinha morrido ou se existiam sobreviventes do bombardeamento. Tentámos descobrir o que aconteceu, mas não conseguimos obter qualquer informação. Isto aconteceu em Agosto de 2009. Depois de encontrarmos a casa bombardeada, fugimos de Mogadíscio com vizinhos e fomos para outra vila, Hamarweyne,

também em Mogadíscio Esta vila encontra-se numa área controlada pelo governo. Eu deixei de ir à escola. Não tinha mais dinheiro para as propinas da escola. Fiquei em Hamarweyne durante dois meses e meio. Fugi de Hamarweyne em Janeiro de 2010, porque o vizinho com quem estávamos a ficar decidiu ir para Baidoa. Depois, fugi para Baidoa e permaneci lá durante 20 dias. Esta área é controlada pela Al-Shabab. Decidi fugir para o Quênia, porque não consegui arranjar ninguém com quem viver. Não tínhamos dinheiro e não havia ninguém para nos proteger.”

Uma rapariga de 15 anos de Mogadíscio, disse:

“Um dia fui para a escola e quando voltei para o almoço, a minha família não estava e a casa estava destruída. Foi em Dezembro de 2009. Vim para aqui [para o campo de refugiados] com a minha tia materna. Tinha 10 irmãos: o mais velho tem 22 anos e o mais novo três anos. Nesse dia, as crianças pequenas estavam em casa, assim como a minha mãe e o meu pai.”

TRAUMA RESULTANTE DO CONFLICTO

Dois meninos, de 10 e 12 anos, de Sakow em Lower Juba, descreveram separadamente à Amnistia Internacional o seu testemunho da morte ou tortura de habitantes da sua aldeia, em público. Um deles afirmou:

“Inicialmente o governo tinha o controlo, mas quando os militantes da Al-Shabab chegaram, as coisas tornaram-se muito piores. Colocavam o braço de alguém em água a ferver. Escavavam um buraco, punham uma pessoa lá dentro e apedrejavam-na. Eu assisti a serem os braços de um homem em água a ferver. Ele tinha vindo da mesquita com sapatos que não lhe pertenciam e foi apanhado – foi acusado de roubar os sapatos de outra pessoa. Após a chegada dos militantes da Al-Shabab começaram a fazer apedrejamentos e as pessoas eram forçadas a assistir. Também podiam matar as pessoas disparando balas ou dando um banho de água a ferver. Também eram realizadas amputações. Tudo isto era feito em público.”

Um rapaz de 14 anos de Mogadíscio, disse:

“Eu parti por causa da tortura e dos homicídios. ...Testemunhei um homem a ser abatido. Os militantes da Al-Shabab mataram-no, não sei por que razão. Foi apanhado enquanto andava no mercado e levado para a periferia da cidade. Chamaram toda a gente para assistir. Isto aconteceu em Mogadíscio. Foi abatido com uma faca na parte de trás da sua cabeça, em Maio de 2009. Também assisti a agredirem uma pessoa com uma arma e depois mataram-no a tiro. Isto aconteceu no mesmo mês.”